

**Boletim Conjuntural Semana 26/2026 – 25 de junho de 2026**

MILHO.....	2
TABACO.....	2
MORANGO .....	3
BOVINOS.....	4
FRANGO.....	4
SUÍNOS.....	5
OVOS.....	7

O presente boletim traz destaques da estimativa de safra recém divulgada, de números de exportação e finaliza com a análise das pesquisas trimestrais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No monitoramento das safras de campo, o Deral revisou os números da segunda safra de milho 25/26, projetando uma produção de 17,6 milhões de toneladas, enquanto a colheita atinge os primeiros 3% da área sob o alerta de geadas pontuais e de intensidade fraca a moderada nas regiões Sul e Oeste. A safra de tabaco foi encerrada com recorde de 213,7 mil toneladas no Paraná; apesar de os preços médios de maio terem registrado queda de 3% em relação ao ano anterior, a cultura se consolida pela estabilidade gerada pelo sistema de integração na agricultura familiar.

A análise do comércio exterior destaca, no segmento de frutas, como as exportações de morango mostram um perfil oscilante na última década, tendo a Argentina e o Uruguai como principais destinos de um cultivo essencial para os pequenos produtores. Já as exportações brasileiras de carne bovina mantêm um crescimento robusto no acumulado até maio, alcançando o recorde histórico de 1,360 milhão de toneladas, impulsionadas pela valorização do dólar e pela forte demanda da China, que absorveu 45% desse volume.

Por fim, os resultados das pesquisas trimestrais consolidam o protagonismo do Paraná na produção de proteína animal. O abate nacional de frangos cresceu 3,6%, atingindo o recorde de 1,7 bilhão de cabeças no primeiro trimestre de 2026, com o Paraná liderando o setor. A suinocultura seguiu tendência semelhante, com alta de 5,7% nos abates e avanço no peso médio das carcaças. No setor avícola de postura, a produção nacional de ovos para consumo recuou 0,5%, posicionando o Paraná na oitava colocação, enquanto o estado reafirma sua liderança absoluta no segmento de ovos para incubação.

Boa leitura!

## MILHO

*Adm. Edmar Wardensk Gervasio*

Nesta semana, o Deral divulgou o relatório revisado de área e produção para a segunda safra de milho 2025/26. A estimativa atualizada aponta que deverão ser produzidas 17,6 milhões de toneladas em uma área de 2,91 milhões de hectares.

No campo, a colheita também começa a avançar. Já foram colhidos pouco mais de 86 mil hectares, o que representa cerca de 3% da área total cultivada. Das lavouras ainda a serem colhidas, 40% estão na fase de maturação, com risco muito baixo de terem problemas com geadas, enquanto 58% encontram-se na fase de frutificação e 2% em floração. Esses 60% podem estar suscetíveis a eventuais ocorrências de geadas.

Foram registradas geadas na metade sul do Estado na quarta-feira, 24/06, e há previsão de que o fenômeno se repita. Essas geadas poderão trazer impactos pontuais, especialmente na região Oeste. Contudo, a intensidade do fenômeno, segundo o Simepar, varia de fraca a moderada e, caso ocorram danos, estes não deverão provocar alterações significativas nos números finais de produção, neste momento.

## TABACO

*Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho*

A colheita de tabaco encerrou com recorde no Paraná, ultrapassando a safra anterior e atingindo 213,7 mil toneladas. O volume superou em 7% o total colhido em 2025, quando foram retiradas 199,7 mil toneladas de folhas. O avanço deveu-se a uma área que já registra incrementos há cinco safras e que, apesar do aumento tímido neste último ciclo, atingiu o recorde de 86,8 mil hectares.

Os bons volumes atingidos nos últimos anos vieram acompanhados de recuos nos preços recebidos pelo produtor. Os valores apurados em maio refletem isso, em função da comercialização intensa no mês, já que o processo de secagem nas estufas acontece após o ápice da colheita. Em maio de 2026, o preço médio do quilograma do tabaco (estufa) foi de R\$ 18,71, valor 3% menor que o praticado em maio de 2025 (R\$ 19,22). Apesar da retração, a cultura tem se mostrado mais vantajosa do que algumas alternativas para os pequenos produtores, especialmente em função da estabilidade promovida pela integração da cadeia produtiva.

## MORANGO

*Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade*

Sob a celeuma do Regulamento Técnico Mercosul de Identidade e Qualidade do Morango e sua suspensão temporária pelo Ministério da Agricultura e Pecuária divulgada pela mídia, a análise focará nas exportações da fruta.

As estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro/AGROSTAT, na página do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/MAPA, informam que, em um recorte dos últimos dez anos, isto é, de 2017 a 2026, as quantidades das exportações de morangos brasileiros apresentam um comportamento oscilante, com variações de 30,8 toneladas (t) no ano inicial da série a 228,5 (t) em 2023. Por sua vez as receitas aferidas gravitaram de US\$ 168,1 mil em 2021 até US\$ 499,4 mil no mesmo 2023.

A fruta é comercializada fresca, congelada e preparada/conservada, e no último ano foram embarcadas ao exterior um volume de 65,3 t. com internalização de US\$ 393,0 mil a um preço médio de US\$ 6.018.

A Argentina foi o principal destino do morango adquirindo 14,1 t a valores de US\$ 212,3 mil; seguida do Uruguai cujas 21,5 t

renderam US\$ 47,6 mil. Os números são conflitantes pois o país cisplatino adquiriu morangos preparados que possuem uma precificação menor, enquanto os argentinos investiram nas três modalidades com grande presença de frutas frescas, com valores mais apreciados. Os vizinhos do Prata foram responsáveis por 54,9% dos volumes e 66,2% das receitas obtidas. Enviamos a fruta ainda para mais 34 países.

No ano passado, dos US\$ 393,04 mil obtidos com as vendas externas, US\$ 263,9 mil (67,1%) se referem ao produto preparado/conservado, US\$ 120,3 mil (30,6%) à fruta fresca e US\$ 8,9 mil (2,3%) aos frutos congelados.

Em relação ao total das exportações brasileiras de frutas em 2025 – 1,3 milhão de toneladas para US\$ 1,563 bilhão – o morango apresenta dimensões diminutas, no entanto sendo um cultivo predominante na Agricultura Familiar, sua importância se amplia, com altos investimentos, necessidade de mão de obra intensiva e elevado rendimento por área.

## BOVINOS

*Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

Segundo análise quinzenal do Cepea, as exportações brasileiras de carne bovina mantiveram forte crescimento em 2026. Entre janeiro e maio, os embarques somaram 1,360 milhão de toneladas, o maior volume já registrado para o período na série histórica da Secex, iniciada em 1997. O resultado representa alta de 14,4% em relação ao mesmo intervalo de 2025.

A receita gerada pelas vendas externas atingiu R\$ 40,207 bilhões no acumulado do ano até maio, avanço de 20,4% na comparação anual. O desempenho foi favorecido pela valorização do dólar frente ao real e pelo aumento do preço médio da carne exportada, que alcançou cerca de R\$ 29,5 mil por tonelada.

Em maio, o Brasil exportou 290,453 mil toneladas de carne bovina, volume 17,2% superior ao registrado no mesmo mês de 2025. A China permaneceu como principal destino do produto brasileiro, respondendo por 45% das exportações no período, com importações de 614,849 mil toneladas.

## FRANGO

*Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva*

Segundo a Pesquisa Trimestral de Abates de Animais, divulgada pelo IBGE, em 16 de junho, o abate nacional de frangos de corte alcançou 1,707 bilhão de cabeças no primeiro trimestre de 2026. O volume representa uma alta de 3,6% em relação ao mesmo período de 2025, quando foram abatidas 1,647 bilhão de aves. Esse incremento de 59,89 milhões de cabeças foi impulsionado pelo aumento produtivo nos principais polos do país, consolidando-se como o melhor resultado para um primeiro trimestre na série histórica da pesquisa, iniciada em 1997.

Em termos de volume, a produção de carne de frango de janeiro a março de 2026 somou 3,734 milhões de toneladas, um avanço de 6,9% frente às 3,492 milhões de toneladas registradas no primeiro trimestre do ano anterior, que acumulou 3,492 milhões toneladas de carne de frango. Os três estados da região Sul, principais criadores e produtores de carne de frango tiveram o seguinte desempenho em 2026 (nº de cabeças e volume de carne produzida: toneladas): Paraná (598,035 milhões / 1,348 milhão), Santa Catarina (226,490 milhões / 479,942 mil) e Rio Grande do Sul (201,431 milhões / 374,097 mil).

**Boletim Conjuntural Semana 26/2026 – 25 de junho de 2026**

A região Sul manteve o protagonismo absoluto no setor, respondendo por 60,1% do abate nacional. Juntos, os três estados somaram o abate de 1,025 bilhão de cabeças e a produção de 2,202 milhões de toneladas de carne, o que equivale a cerca de 59% do volume total do país.

O Paraná, líder nacional, participou com 35% do abate nacional de frangos em número de cabeças e 36,1% no volume de carne produzida, registrando um crescimento de 1,9% no abate no primeiro trimestre de 2026 sobre igual período de 2025 (573,295 milhões de cabeças). Já no tocante ao volume de carne de frango produzida (1,348 milhão de toneladas), houve um crescimento de 7,8% de janeiro a março do ano corrente, comparativamente a igual período do ano anterior (1,250 milhão de toneladas).

O segundo maior criador nacional de frangos de corte, o estado de Santa Catarina, experimentou queda no abate de frangos da ordem de 1,4%, enquanto o Rio Grande do Sul sofreu crescimento de 6,8%.

Nos três principais estados criadores de frangos de corte, que participaram com 60,1% do abate total nacional, ocorreu a seguinte situação quanto ao abate (nº de cabeças): Paraná (+ 24,740 milhões), Santa Catarina (-3,329 milhões) e Rio Grande do Sul (+ 12,834 milhões). No que diz respeito ao volume de carne produzida nos três

principais estados criadores de frangos de corte, os quais produziram 2,203 milhões de toneladas (59%), o desempenho foi o seguinte: Paraná (+ 7,8%), Santa Catarina (+ 1,6%) e Rio Grande do Sul (+ 13,2%).

Essa pesquisa fornece informações sobre o total de cabeças abatidas e o peso total das carcaças para as espécies de bovinos (bois, vacas, novilhos e novilhas), suínos e frangos, tendo como unidade de coleta o estabelecimento que efetua o abate sob fiscalização sanitária federal, estadual ou municipal. A periodicidade é trimestral, sendo que para cada trimestre do ano civil os dados são discriminados mês a mês. Da Pesquisa Abate Trimestral de Frangos de Corte, no 1º trimestre de 2026, participaram 308 informantes – unidades em nível de Brasil –, sendo 46 no Paraná.

## SUÍNOS

*Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva*

De acordo com os dados da Pesquisa Trimestral de Abates de Animais, divulgada pelo IBGE em 16 de junho de 2026, o abate nacional de suínos alcançou a marca de 15,272 milhões de cabeças no primeiro trimestre do ano.

Esse volume representa uma alta de 5,7% em relação ao mesmo período de 2025, quando foram abatidas 14,447 milhões de cabeças, e apresenta uma leve redução de

**Boletim Conjuntural Semana 26/2026 – 25 de junho de 2026**

0,1% na comparação com o quarto trimestre de 2025. Ainda assim, este foi o melhor resultado para um primeiro trimestre em toda a série histórica do indicador, iniciada em 1997.

No que diz respeito ao volume de carne produzida no acumulado de janeiro a março de 2026, o Brasil obteve uma produção total de 1,426 milhão de toneladas. O montante é 6,9% maior do que o registrado no primeiro trimestre de 2025 (um acréscimo de 93 mil toneladas), que acumulou 1,333 milhão de toneladas de carne suína, e reflete uma alta de 1,0% em comparação com o trimestre imediatamente anterior.

Os dados também mostram aumento no peso médio das carcaças, que passou de 90,93 quilos em dezembro de 2025 para 93,54 quilos em março de 2026, o que sugere retenção de animais nas granjas antes do envio para o abate.

A região Sul do país mantém o protagonismo absoluto na atividade, com seus três estados respondendo conjuntamente por 66,8% do abate total nacional, somando 10,208 milhões de cabeças, e por 67,1% do volume de carne produzida, o equivalente a 956,253 mil toneladas. Os três estados da região Sul, principais criadores e produtores de carne suína tiveram o seguinte desempenho em 2026 (nº de cabeças e volume de carne

produzida: toneladas): Paraná (3,195 milhões / 299,916 mil), Santa Catarina (4,292 milhões / 397,954 mil) e Rio Grande do Sul (2,721 milhões / 258,382 mil).

O Paraná, no segundo lugar do ranking nacional da criação de suínos, participou com 20,9% do abate nacional de suínos em número de cabeças e 21,0% no volume de carne produzida, registrando um crescimento de 1,7% no abate no primeiro trimestre de 2026, sobre igual período de 2025 (3,142 milhões de cabeças). Já no tocante ao volume de carne suína produzida (299,916 mil toneladas), houve um leve crescimento de 0,2% de janeiro a março do ano corrente, comparativamente a igual período do ano anterior (299,174 mil de toneladas).

O primeiro maior criador nacional de suínos, o estado de Santa Catarina (28,1% de participação nacional), experimentou alta no abate de suínos da ordem de 1,8%, enquanto o Rio Grande do Sul, o terceiro, com 17,8% do total nacional, experimentou crescimento de 4,5%.

Nos três principais estados criadores de suínos, que participaram com 66,8% do abate total nacional (10,208 milhões de cabeças), ocorreu a seguinte situação quanto ao abate (nº de cabeças): Paraná (+ 52.505), Santa Catarina (74.060) e Rio Grande do Sul (+ 118.272). No que diz respeito ao volume

**Boletim Conjuntural Semana 26/2026 – 25 de junho de 2026**

de carne produzida nos três principais estados criadores de suínos, os quais produziram 956,253 mil toneladas (67,1%), o desempenho foi o seguinte: Paraná (+ 0,2%), Santa Catarina (+ 1,9%) e Rio Grande do Sul (+ 8,9%).

Essa pesquisa fornece informações sobre o total de cabeças abatidas e o peso total das carcaças para as espécies de bovinos (bois, vacas, novilhos e novilhas), suínos e frangos, tendo como unidade de coleta o estabelecimento que efetua o abate sob fiscalização sanitária federal, estadual ou municipal. A periodicidade é trimestral, sendo que para cada trimestre do ano civil os dados são discriminados mês a mês. Da Pesquisa Abate Trimestral de Suínos, no 1º trimestre de 2026, participaram 603 informantes – unidades em nível de Brasil – sendo 80 no Paraná.

## OVOS

*Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva*

Ao divulgar em 16 de junho os resultados da Pesquisa Trimestral de Produção de Ovos (POG), o IBGE informou que a produção total de ovos para consumo – considerando o produto in natura, industrializado ou destinado à exportação – atingiu 995,461 milhões de dúzias no primeiro trimestre de 2026. O volume representa uma queda de 0,5% em relação ao mesmo

período de 2025, quando a produção alcançou 1,000 bilhão de dúzias. Em termos absolutos, o volume atual equivale a cerca de 11,946 bilhões de unidades, o que significa 54 milhões de ovos a menos na comparação interanual.

Nos primeiros três meses de 2026, o Paraná posicionou-se na oitava colocação no ranking nacional de produção de ovos para consumo, com 51,468 milhões de dúzias produzidas (5,2% do total nacional) – um volume 0,3% superior ao registrado no ano anterior (51,294 milhões de dúzias).

O ranking é liderado por São Paulo, com 262,108 milhões de dúzias (26,3% da produção nacional), seguido por Minas Gerais (111,846 milhões de dúzias / 11,2%), Espírito Santo em terceiro (95,112 milhões de dúzias / 9,6%) e Pernambuco em quarto (76,750 milhões de dúzias / 7,7%). Completam a lista dos sete primeiros o Mato Grosso na quinta posição (64,208 milhões de dúzias), o Rio Grande do Sul na sexta (55,934 milhões de dúzias) e o Ceará em sétimo lugar (52,976 milhões de dúzias).

Dos oito principais estados produtores, apenas três apresentaram crescimento na comparação com o primeiro trimestre de 2025. O comportamento de cada um foi o seguinte: São Paulo (-4,5%), Minas Gerais (+5,1%), Espírito Santo (-1,6%), Pernambuco (-2,57%), Mato Grosso (+2,0%),

**Boletim Conjuntural Semana 26/2026 – 25 de junho de 2026**

Rio Grande do Sul (-2,4%), Paraná (+0,3%) e Ceará (-7,0%).

Cabe destacar que o levantamento do IBGE abrange granjas com capacidade de alojamento a partir de 10.000 galinhas poedeiras. No cenário nacional, a pesquisa captou dados de 2.088 informantes no trimestre, dos quais 1.118 (53,5%) dedicaram-se à produção de ovos para consumo, respondendo por 81,9% do volume total do país. As outras 970 granjas (46,5%) focaram na produção de ovos para incubação (destinados à produção de pintos de corte ou postura comercial), representando os 18,1% restantes do volume nacional.

O Paraná apresenta uma dinâmica inversa à média brasileira: das 489 granjas pesquisadas no estado, apenas 152 (31,1%) produziram ovos para consumo, gerando 43,1% do total de ovos paranaenses. Por outro lado, 337 estabelecimentos avícolas (68,9%) concentraram-se na produção de ovos para incubação, sendo responsáveis por 56,9% do volume total do estado.

A análise isolada do segmento de ovos para incubação mostra que o país produziu 219,526 milhões de dúzias (2,634 bilhões de unidades), de janeiro a março de 2026, um avanço de 4,41% (+ 4,331 milhões de dúzias) frente ao igual período de 2025, que registrou 210,223 milhões de dúzias.

Nesta categoria, o Paraná é o líder isolado do mercado nacional, com 67,882 milhões de dúzias (30,9% do total do país). Na sequência aparecem São Paulo (37,045 milhões de dúzias / 16,9%), Santa Catarina (28,721 milhões de dúzias / 13,1%), Goiás (26,668 milhões de dúzias / 12,1%) e Rio Grande do Sul (22,117 milhões de dúzias / 10,1%).

Os três estados da região Sul concentram, juntos, 60,8% da produção nacional de ovos para incubação. Dos cinco principais estados produtores desse segmento, apenas dois apresentaram recuo na comparação anual. O desempenho do grupo fechou com Paraná (+3,2%), São Paulo (+20,8%), Goiás (-1,2%), Santa Catarina (+1,4%) e Rio Grande do Sul (-7,5%).